A CANTORA CARECA

ANTIPEÇA

POR **Eugène Ionesco**

Tradução de Joana Frazão

D. M II
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

BICHODOMATO

CENA I

Interior burguês inglês, com poltronas inglesas. Um serão inglês. O Sr. Smith, inglês, na sua poltrona e com as suas pantufas inglesas, fuma o seu cachimbo inglês e lê um jornal inglês, junto a uma lareira inglesa. Tem óculos ingleses e um pequeno bigode grisalho, inglês. Ao seu lado, noutra poltrona inglesa, a Sra. Smith, inglesa, remenda peúgas inglesas. Um longo momento de silêncio inglês. O relógio de pêndulo inglês dá dezassete badaladas inglesas.

SRA. SMITH Homessa, são nove horas. Comemos sopa, peixe, batatas com *bacon*, salada inglesa. As crianças beberam água inglesa. Comemos bem esta noite. Tudo porque vivemos nos arredores de Londres e porque o nosso nome é Smith.

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

As batatas ficam ótimas com *bacon*, o azeite da salada não estava rançoso. O azeite do merceeiro da esquina

[**SRA. SMITH** *cont.*] é de muito melhor qualidade que o azeite do merceeiro ali da frente, é até melhor que o azeite do merceeiro do fundo da rua. Não que eu queira dizer que o azeite deles é mau.

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

Mas o azeite do merceeiro da esquina é sempre melhor…

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

A Mary cozeu bem as batatas, desta vez. Da última vez, não as tinha cozido bem. Eu só gosto de batatas bem cozidas.

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

O peixe era fresco. Lambi os beiços. Servi-me duas vezes. Não, três vezes. Até me deu vontade de ir à casa de banho. Tu também te serviste três vezes. Mas, da terceira vez, puseste menos que nas duas primeiras, enquanto eu pus muito mais. Comi melhor que tu, esta noite. Como é possível? Normalmente, és tu que comes mais. Apetite não te falta.

O Sr. Smith dá um estalinho com a língua.

No entanto, talvez a sopa estivesse um pouco salgada demais. Tinha mais sal do que tu. Ah, ah, ah. Também

tinha alho francês a mais e cebola a menos. Arrependi-me de não ter dito à Mary para juntar um bocadinho de anis-estrelado. Da próxima, já sei.

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

O nosso menino bem que queria ter bebido cerveja, vai gostar de atestar o depósito, é parecido contigo. Viste-o à mesa, de olho na garrafa? Mas eu deitei-lhe no copo água do jarro. Ele tinha sede e bebeu. A Hélène é parecida comigo: é boa dona de casa, poupada, toca piano. Nunca pede para beber cerveja inglesa. É como a nossa menina, que só bebe leite e só come papa. Vê-se bem que só tem dois anos. Chama-se Peggy. A tarte de marmelo e feijão estava fantástica. Se calhar, devíamos ter tomado, à sobremesa, um copinho de vinho da Borgonha australiano, mas eu não levei o vinho para a mesa para não dar às crianças um mau exemplo de gulodice. É preciso ensiná-las a serem sóbrias e comedidas na vida.

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

A Sra. Parker conhece um merceeiro romeno, chamado Popesco Rosenfeld, que acabou de chegar de Constantinopla. É um grande especialista em iogurte. É formado pela escola de fabricantes de iogurte de Adrianópolis. Amanhã, vou comprar-lhe um grande

[**SRA. SMITH** *cont.*] pote de iogurte romeno folclórico. Não é todos os dias que temos coisas dessas aqui, nos arredores de Londres.

O Sr. Smith, continuando a leitura, dá um estalinho com a língua.

O iogurte é excelente para o estômago, para os rins, para a apendicite e para a apoteose. Foi o que me disse o Dr. Mackenzie-King, que trata os filhos dos nossos vizinhos, os Johns. É um bom médico. Pode-se confiar nele. Só receita medicamentos que já testou nele próprio. Antes de operar o Parker, foi ele próprio operado ao fígado, e nem sequer estava doente.

SR. SMITH Mas, então, como é que o médico se safou e o Parker morreu?

SRA. SMITH Porque a operação do médico foi bem-sucedida e a do Parker não foi bem-sucedida.

SR. SMITH Então, o Mackenzie não é um bom médico. As duas operações deviam ter sido bem-sucedidas, ou então deviam ter morrido os dois.

SRA. SMITH Porquê?

SR. SMITH Um médico consciencioso deve morrer com o doente, se não puderem curar-se juntos. O comandante de um navio vai ao fundo com o navio, nas ondas. Não lhe sobrevive.

SRA. SMITH Não se pode comparar um doente a um navio.

SR. SMITH Porque não? O navio também tem as suas doenças; aliás, o teu médico é são como um barco; mais uma razão para ter falecido ao mesmo tempo que o doente, tal como o médico e o seu navio.

SRA. SMITH Ah! Não tinha pensado nisso… Se calhar, tens razão… e então, que conclusão tiras daí?

SR. SMITH Que os médicos são todos uns charlatões. E os doentes também. Em Inglaterra, só a Marinha é que é honesta.

SRA. SMITH Mas os marinheiros, não.

SR. SMITH Naturalmente.

Pausa.

(ainda a ler o jornal) Há uma coisa que eu não entendo. Porque é que, na secção de anúncios no jornal, põem sempre a idade das pessoas falecidas e nunca a dos recém-nascidos? É um contrassenso.

SRA. SMITH Nunca tinha pensado nisso!

Mais um momento de silêncio. O relógio toca sete vezes. Silêncio. O relógio toca três vezes. Silêncio. O relógio não toca nenhuma vez.